

De árvores centenárias, cursos d'água e paredões rochosos

David Miller & Richard Warren

“Pare! Vamos olhar aquela bem de perto.”

Nós estamos numa antiga, bem, não tão velha Kombi, embora a gente sinta assim, depois de vários anos dirigindo (navegando seria uma palavra melhor) por estradas de terra, que eram o leito da antiga e, agora, quase extinta linha da Estrada de Ferro Leopoldina. Isto no anticlínio da extraordinária cadeia de montanhas da Serra dos Órgãos. “Aquela” é uma

árvore enorme, relíquia geriátrica, com 100, talvez 200 anos de idade, que foi poupada indulgentemente pelo destino, o fogo e o tolerante machado durante o século 19 e início do século 20, no ciclo do café e construção de ferrovias, que destruiu completamente a magnífica floresta milenar, na maior parte do interior do Estado do Rio de Janeiro, criando uma enorme riqueza para uns poucos e uma contínua pobreza para muitos, até os dias de hoje.



Face rochosa da Serra dos Órgãos



Árvore relíquia

Caminhamos e escalamos penosamente através de uma pastagem ressequida, composta principalmente de ervas daninhas, para chegar até esta venerável sobrevivente: *Cabralea canjerana* e certamente descobrimos ouro. Seus galhos estão quase completamente cobertos por orquídeas. Nos galhos mais baixos e grossos abriga grandes colônias de *Maxillaria chrysantha* misturadas com grupos de *Brassavola tuberculata*; Um pouco mais acima, há uma quase total cobertura de *Encyclia oncioides* e a onipresente *Polistachya* completa muitas lacunas. Outras orquídeas menores e não identificadas estão espalhadas pelos ramos. No meio desta riqueza, repousa uma colônia de *Catasetum cernuum*, numa parte morta da árvore maciça.

Estamos preparando um livro, descrevendo, fotografando, pintando e

desenhando as orquídeas da Serra dos Órgãos. Esta cordilheira forma um segmento de montanhas costeiras, que se estende do Rio Grande do Sul até Pernambuco; são montanhas muito antigas, provavelmente intocadas pela glaciação, enquanto o clima mundial mudou, talvez, há mais de 1 milhão de anos, contribuindo para desenvolver, evoluir e reter, nesta flora, uma grande variedade de espécies de orquídeas.

De maneira figurativa, a Serra dos Órgãos é a espinha do Estado do Rio de Janeiro, estendendo-se da região de Petrópolis até Santa Maria Madalena, na Serra do Desengano. Uma das áreas de maior riqueza biológica no mundo, antes coberta pela Mata Atlântica, agora reduzida a uma fração de sua antiga glória, mas ainda contendo em seus remanescentes uma notável biodiversidade.



Oncidium blanchetii

A escarpa ou vertente voltada para o Oceano Atlântico, ainda contém áreas significativas cobertas pela floresta primitiva original, o que não ocorre nas áreas voltadas para o oeste, exceto pelas árvores relíquias sobreviventes, nos bolsões nas montanhas e, ocasionalmente, nas margens úmidas dos cursos d' água.

Fizemos uma pesquisa completa da floresta original e da recuperada nas escarpas úmidas voltadas para o oceano. No centro da cadeia, a pluviosidade média está em torno de 3.000 mm ao ano, nestas escarpas (nossas medições cobrem um período de 8 anos em dois locais), enquanto que a poucos quilômetros do anticlínio, a expectativa de chuvas é de menos da metade. Consequentemente, imaginamos encontrar menos e diferentes espécies. Acertamos em nossos cálculos; bem,

quase.

Causou-nos uma grande frustração o trabalho exploratório em áreas de montanhas com floresta recuperada plenamente, para convencer-nos que estávamos na trilha errada, encontrando uma simples espécie de orquídea epífita, até que concluímos que a variedade de árvores estava incorreta, com a predominância de espécies de leguminosas e de melastomataceas. A primeira é típica de climas quentes e secos, a segunda, composta de espécies pioneiras em todo o Estado do Rio de Janeiro, ambas as famílias não são boas hospedeiras de epífitas. Talvez a germinação seja inibida pela alta acidez presente na casca destas espécies arbóreas, ou as florestas recuperadas nestas regiões secas ainda não retiveram a umidade alta e constante que permita a germinação e

a sobrevivência inicial. Esta foi a triste conclusão a que chegamos já que isto sugere que as orquídeas fixadas nas árvores relíquias produzem sementes em quantidade, mas que a maioria destas sementes caem sobre superfícies inóspitas e são assim desperdiçadas. Nós observamos, também, este fenômeno em florestas úmidas recuperadas nas escarpas inclinadas onde as árvores centenárias são cobertas por *Octomeria aleofoia*, *Isabelia virginalis*, *Masdevalia infracta* entre outras, mas nenhum indício dessas plantas nas redondezas da extensiva floresta recuperada. Temos esperança que as árvores centenárias carregadas desses bancos de sementes sobreviverão até que o estado da regeneração da mata esteja preparado para receber o seu prêmio.

Após semanas desta experiência penosa e frustrante nesta extensa área,



Maxillaria chrysantha



Sophronitis cernua

decidimos mudar nossa tática e seguir pelos bosques dos leitos escarpados dos rios até as suas nascentes. Na nossa terceira incursão tivemos sorte. Foi numa área completamente devastada por plantações de café durante o século XIX, quando todo o rico húmus foi varrido, abandonada e transformada em uma pastagem pobre, queimada durante o inverno seco, para eliminar a safra anual de miríades de parasitas e a possibilidade de recuperação da floresta. Foi em setembro, após uma seca de quase cinco meses, quando cruzamos o deserto em que o pasto se transformou, para atingir o rio onde abutres negros estavam devorando três vacas mortas, provavelmente, por fome ou, talvez, em desespero pela ingestão das folhas de algum arbusto venenoso.

O rio era mais largo do que esperávamos; em alguns trechos tinha mais de 10 metros de largura, com cachoeiras ou corredeiras a cada 50 metros. A floresta na sua face sul não tinha mais de 40 anos, com algumas árvores centenárias, mas muito úmida devido aos respingos da água das cascatas e corredeiras. Para encurtar a



Laelia pumila

história, em uma hora encontramos 45 espécies de orquídeas epífitas em uma área de aproximadamente meio hectare, 30 das quais eram comuns nas escarpas úmidas montanhosas, mas 15 espécies eram novas para nós. Destas, as mais excitantes eram: *Laelia pumila*, *Warmingia eugenii*, *Gomesa sessilis*, *Campylocentrum robustum* e *C. parahybanense*, *Epidendrum infaustum* e *Encyclia fragrans*.

Mas, quando chegamos às orquídeas terrestres e litófitas, o anticlínio nos conta uma história diferente. As encostas rochosas nuas ou quase nuas de vegetação, com 30-40 graus de inclinação, que ainda permanecem na condição primitiva, são surpreendentemente ricas em orquídeas. Estas encostas não são usadas para a agricultura; o gado e os cavalos não se aventuram neste local e,

de fato, quando as encostas margeiam ou estão perto de uma pastagem, elas são geralmente cercadas. Muitos coletores de plantas têm medo de se aventurar em subir as encostas, pois, principalmente quando a rocha está molhada, pode ser muito perigoso tentar escalá-las. Tendo dito isto, em um dia seco, munido de boas botas de solado de borracha, e se você não sofre de vertigem, pode fazer uma excursão muito compensadora, sempre lembrando que no sol quente de verão você pode fritar ou ter um colapso provocado pelo calor.

Normalmente, estas escarpas são manchadas por colônias bastante extensas de até três diferentes espécies de velózia. Estes arbustos são de crescimento muito lento, não podem competir com juncos ou outros matos ralos, mas eles fixam as suas raízes nas



Richard Warren, Bel Miller e David Miller

pequenas fendas na face da rocha, onde, lentamente constróem uma base de húmus, proveniente de detritos que caem da montanha com as chuvas de verão. As flores das três espécies são extremamente bonitas, parecendo lírios. De fato, estas plantas podem ser relacionadas à família das liliáceas, e quando chega a época da floração, as colônias parecem ser borrifos de neve.

Dentro das moitas de *Vellozia* e nas suas bordas, encontramos colônias floridas de *Epidendrum robustum* e *E. setiferum*, *Bifrenaria harrisoniae*, *Oncidium blanchetti* e *O. batemannianum*, *Cyrtopodium glutiniferum*, *Pelexia laminata*, uma meia dúzia de *Habenaria* e *Prescottia*, várias espécies de *Cleiste* e, o mais interessante de tudo, *Pseudolaelia corcovadensis*, que em uma certa vertente podia ser encontrada aos milhares, presa aos, e somente aos, arbustos de *Vellozia compacta*.

Nossa experiência de pesquisa de orquídeas durante os últimos cinco anos mostrou que o anticlínio da Serra dos Órgãos pode ser efetivamente reinvestigado para a pesquisa de orquídeas na situação específica aqui

descrita. Fixamos nosso objetivo em 750 espécies de aproximadamente 120 gêneros; descobrimos mais de 600 espécies de 105 gêneros. Não temos dúvida que a maioria das 750 espécies ainda existem, algumas nas poucas árvores centenárias, outras nos bolsões de florestas inacessíveis. Entretanto, como diz o pescador “Se você não joga a isca na água, não pega peixe.” Assim, continuaremos a busca até que a Kombi não agüente mais.

Note: The complete text in english is in our site: www.orquidario.com.br

Nota do Editor

Este artigo está sendo publicado, simultaneamente, na *The Orchid Review*, da Royal Horticultural Society, julho/agosto 2001.

* **David Miller & Richard Warren**

Fotos Izabel M. Miller

Caixa postal 95517

Muri - Nova Friburgo - RJ

CEP 28612-970

Traduzido por: Sylvio Rodrigues Pereira

Revisado por: Marta Moraes